

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

**A Sexualidade e a Criança na Etapa da Educação  
infantil**

**Andréa Francisco Branco**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria Amélia Gomes de S. Reis**

Rio de Janeiro  
Março 2003

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

**A Sexualidade e a Criança na Etapa da Educação  
infantil**

**Andréa Francisco Branco**

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria Amélia Gomes de S. Reis

Monografia apresentada à Escola de  
Educação da Universidade do Rio de  
Janeiro - UNIRIO para obtenção do  
grau de Licenciatura em Pedagogia.

Rio de Janeiro  
Março 2003

BRANCO, Andréa Francisco. **A sexualidade e a criança na etapa da educação infantil**. 2003. 67f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

B816 Branco, Andréa Francisco  
A sexualidade e a criança na etapa da educação infantil / Andréa Francisco Branco. – Rio de Janeiro, 2003.  
67f.

Orientadora: Maria Amélia Gomes de S. Reis.  
Monografia apresentada à Escola de Educação para obtenção do grau parcial de Licenciatura em Pedagogia, 2003.

1. Educação pré-escolar. 2. Sexo – psicologia. 3. Educação sexual para crianças - Currículos I. Reis, Maria Amélia Gomes de S. II. Universidade do Rio de Janeiro (1979-). Centro de Ciências Humanas. Escola de Educação. III. Título

CDD 372.21

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA  
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

Reitor: Prof. Dr. Pietro Novelino  
Decano: Prof. Dr. Luiz Eduardo  
Diretor: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Amélia Gomes de S. Reis  
Chefe do Departamento: Profa. Mônica Cerbelia Freire Mandarino  
Professora: Dra. Lígia Martha Coimbra da Costa Coelho

Dedico esta monografia aos meus pais, irmãos, meu noivo e alguns amigos que me ajudaram de alguma forma a realização deste trabalho, e principalmente a professora Maria Amélia, que me orientou com muita paciência e dedicação.



UNI-RIO  
Universidade do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA  
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : Andréa Francisco Branco

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : A sexualidade e a  
criança na etapa da educação infantil

ORIENTADOR : Maria Amélia

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador : Professor convidado

Professor : Angela Maria Martins

Nota : 9,0 (NOVE)

Considerações Finais:

O tema desenvolvido na monografia é de grande relevância, e a autora apresenta um ótimo quadro teórico, desenvolvendo discussões significativas para a sexualidade na educação infantil. No entanto, seria necessária uma boa revisão de redação. Amé.

Amélia = 9,0 (entregará Caus. Finais posteriormente)

Ligia = 9,0

Média : 9,0

Andréia Francisco Branco  
mat: 952351070

**RESULTADO FINAL**

<b>Avaliador 1</b>	<b>Avaliador 2</b>	<b>Avaliador 3</b>	<b>Pontos</b>	<b>Nota final</b>
9,0	9,0	9,0	27,0	9,0

**Rio de Janeiro, março de 2003**

*Ilmostr*

QUADRO RESUMO - ORIENTAÇÕES

Mês Janeyiro

Dia	09/01/03	14/01	16/01	21/01
Atividade	orientação	iduu	iduu	iduu
Professor	M <sup>te</sup> Amélia	<del>id</del>	<del>id</del>	<del>id</del>
Aluno	Andrea Branco			

Mês Fevereiro

Dia	03/02	18/02		
Atividade	Orientação <del>iduu</del> e-mail	e-mail Orientação		
Professor				
Aluno	Andria	andrea		

Mês \_\_\_\_\_

Dia				
Atividade				
Professor				
Aluno				

Mês \_\_\_\_\_

Dia				
Atividade				
Professor				
Aluno				

Mês \_\_\_\_\_

Dia				
Atividade				
Professor				
Aluno				



## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, porque sem ele e sem a minha fé eu nada seria e nem realizaria. Pois, diante das minhas dificuldades e aflições, o senhor fez-me forte nas decisões, perseverante nos estudos, e quando meus passos vacilaram, ele foi mais forte que o meu cansaço .

Aos meus pais Pedro e Mary, que comigo tiveram paciência, meus irmãos, meu noivo Rogério.

As professoras: Angela Maria de Souza Martins e Maria Amélia <sup>S. Reis</sup> que me ajudaram muito, em cada momento que foram solicitadas, com muita paciência, dedicação e muito carinho .

## UM DIA DIFERENTE

"Há alguns anos, nas olimpíadas especiais de Seattle, nove participantes, todos com deficiência mental ou física, alinharam-se para a largada da corrida dos 100 metros rasos.

Ao sinal, todos partiram, não exatamente em disparada, mas com vontade de dar o melhor de si, terminar a corrida e ganhar.

Todos, com exceção de um garoto que tropeçou no asfalto, caiu, rolando e começou a chorar. Os outros oito ouviram o choro, diminuíram o passo e olharam para trás. Então, eles viram e voltaram. Todos eles.

Uma das meninas, com síndrome de Down, ajoelhou, deu um beijo no garoto e disse: "- Pronto, agora vai sarar". E todos os nove competidores deram os braços e andaram juntos até a linha de chegada.

O estádio inteiro levantou e os aplausos duraram muitos minutos, e as pessoas que estavam ali naquele dia, continuaram repetindo essa história até hoje.

Talvez os atletas fossem deficientes mentais...

Mas, com certeza, não eram deficientes da sensibilidade...

Porque? Porque lá no fundo, todos nós sabemos que o que importa nesta vida é mais do que ganhar sozinho.

O que importa nesta vida é ajudar os outros a vencer, mesmo que isto signifique diminuir o passo e mudar de curso..."

( autor desconhecido )

BRANCO, Andréa Francisco. **A sexualidade e a criança na etapa da educação infantil**. 2003. 67f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

## RESUMO

*Este trabalho*  
Discute como ocorre a sexualidade na etapa da educação infantil, baseado nos estudos de Michel Foucault e Sigmund Freud. Dando ênfase em como a sexualidade é instigada a mostrar-se em sua banalização aos olhos da criança. Com base em estudos destes autores este trabalho mostra a sexualidade em primeiro lugar, enfatizando as relações entre poderes e saberes, e em segundo abordando com mais intensidade o aspecto psicológico da sexualidade infantil. Identificando também os problemas e as dificuldades apresentadas pelos pais e professores, que muitas vezes não sabem como esclarecer questões ligadas a sexualidade. Para execução deste estudo, fez-se necessária uma explicitação de conceitos sobre a sexualidade, e análise de PCN's, para relacionar o que os professores ensinam, e o que realmente os alunos querem saber sobre o tema.

## SUMÁRIO

1 - Introdução.....	09
2 – Sexualidade: Concepção do tema.....	13
<sup>2.1</sup> 3 - Concepção de Sexualidade para Sigmund Freud .....	15
<sup>2.2</sup> 4 - Concepção de Sexualidade para Michel Foucault .....	30
<del>3</del> <sup>4.1</sup> 4.1- Construção da idéia de sexo nas Teorias Foucaultianas .....	39
<del>4</del> <sup>4.2</sup> 4.2 - Sexualidade dos alunos da Educação Infantil .....	42
<del>4.1</del> <sup>4.1</sup> 4.1- Sexualidade na Infância .....	42
<del>4.2</del> <sup>4.2</sup> 4.2 - Manifestação da Sexualidade na Escola ..	46
<del>5</del> <sup>5</sup> 5 - PCN'S : Controle e Disciplina.....	51
7 - Conclusão .....	63
8 – Referências.....	65

## 1 - INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema Sexualidade e a criança na etapa da Educação Infantil surgiu na Escola de Educação, no curso de Pedagogia, onde assisti muitos questionamentos acerca do mesmo, momento em que ficou evidente para mim que nossa sociedade, muitas vezes, nega as demandas colocadas pela sexualidade.

Podemos perceber, inclusive, que em nossas escolas muitos educadores consideram este assunto sem importância, tanto para ser abordado e discutido em seus programas de ensino, quanto abordado em sala de aula. Talvez por medo, talvez por desconhecimento esta temática é deixada de lado. Entretanto, estas questões realmente interessam os alunos. Onde os alunos vão buscar as respostas às suas questões sobre sexualidade?

Deste modo, nesta monografia, pretendo analisar os conceitos que os escolares interiorizam sobre o sexual e que deixam marcas profundas na sua sexualidade e, conseqüentemente, na construção de sua subjetividade, já que é dentro da escola que, muitas vezes, os problemas mais se evidenciam, por que é no seu interior que o encontro com o (s) outro(s) mais cotidianamente acontece com a descoberta de si, de seu corpo e com as diferenças que se acentuam, embora se reconheça que a criança se descobre e ao outro já nos primeiros anos de vida, ou seja, sua sexualidade se manifesta desde que nasce, como nos informa Freud.

Sabe-se que a criança logo que descobre, manifesta sua sexualidade ao tocar seu corpo e perceber como é divertido e prazeroso brincar com algumas

partes do corpo, principalmente, os genitais. É importante não haver punição, proibição ou censura de tais atos, pois, essas atitudes a obrigam a dar importância a gestos que ainda não têm significado, sendo algo que faz parte da vida .

Freud em suas investigações descobriu que a grande maioria de pensamentos e desejos reprimidos referiam-se a conflitos de ordem sexual localizados nos primeiros anos de vida dos indivíduos, isto é, na vida infantil estavam as experiências de caráter traumático, reprimidas, confirmando então que as ocorrências deste período de vida deixam marcas profundas na estruturação da personalidade. As descobertas colocam a sexualidade no centro da vida psíquica e é desenvolvido o segundo conceito mais importante da teoria psicanalítica: a sexualidade infantil.

Já Foucault nos informa que é justamente o poder que nos estimula e revela a sexualidade através de instituições como a escola, a família, entre outras, porém isto não quer dizer que devemos que cada um de nós possamos viver nossa sexualidade em plena liberdade.

Para Foucault a escola é um micro espaço de poder, onde se desenvolve um discurso visando a produção de uma sexualidade única para todos os cidadãos, e dentro de sua percepção, ela aparece nas sociedades como...

*Um ponto de passagem particularmente denso das relações de poder; entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população" (Foucault, 1990:98).*

O dispositivo de sexualidade se inscreve nas mais variadas relações de poder existentes na sociedade, do pai para o filho, do homem para a mulher, do professor para o aluno, do médico para o paciente, do governo para a população etc. desta maneira, a sexualidade mostra ser um dos elementos mais eficazes de controle sobre o sujeito e a sociedade (Reis, 2000).

Ainda perseguindo as teorias postas nas teses de Foucault o dispositivo de sexualidade vai atuar, sobretudo sobre o corpo do homem e é a partir do Século das Luzes, que o corpo começa a ser descoberto com um objeto e como alvo de poder. O corpo se torna instrumento de desejo, de prazer, sendo um lugar privilegiado de sensações, lugar do sexo anato-biológico, como possibilidade de manifestação de uma sexualidade, o corpo trabalha, tem que ser controlado, disciplinado e vigiado.

Porém, acima de tudo deve ser saudável. O bom corpo é o dominado e o produtivo.(Santos, 1996:09).

O poder é polivalente, ou seja, perpassa e envolve múltiplos lugares de espaço social o que acaba por definir alguns pontos de poder de onde irão surgir

vários conceitos e a maior novidade é o conceito do poder como positividade, e também como criador de práticas e instituições, produtos até mesmo do próprio sujeito.

*O 1º momento não foi assinalado*

Em um segundo momento, farei um breve histórico análise uma política pública estabelecida nos Parâmetros Curriculares nacionais ( PCN's) , onde estes documentos nos relatam a necessidade de incluir temas sobre a sexualidade nos currículos, devido ao crescimento dos casos não só de gravidez, como de DST ( doenças sexualmente transmissíveis ), e o despreparo dos alunos sobre o assunto, então onde eles poderão buscar as respostas às suas questões e sobre a sexualidade do outro?

Enfim, pretendo discutir a sexualidade no âmbito escolar e familiar, e a partir disso entender que a sexualidade também é uma questão de cidadania, da qual afeta a sociedade, pais, alunos e professores, levando-nos a refletir sobre a nossa própria sexualidade, na sociedade em geral .



## 2 - Sexualidade e Concepções

A Sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois relaciona-se com a busca do prazer, sendo esta uma necessidade fundamental dos seres humanos.

Então, ela é entendida como algo que se manifesta desde o nascimento à morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. Pois sendo ela construída ao longo da vida, encontra-se marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se com singularidade em cada sujeito.

O estudo da sexualidade, reúne contribuições de diversas áreas como História, Antropologia, Economia, Sociologia, Biologia, Medicina e Psicologia, e se por um lado sexo ,e uma expressão biológica, sexualidade de uma forma mais ampla uma expressão cultural.

Pois cada sociedade cria um conjunto de regras para um comportamento Sexual. Traçar concepções de sexualidade, diante dessa perspectiva de sociedade atual, não se trata de uma tarefa simples, mas de várias reflexões e concepções sobre o assunto, que vão além das perspectivas biológicas que, ainda nos tempos atuais, constituem-se como fundamento das informações exaustivamente fornecidas pelo sujeito.

Nosso século tem assistido a importantes mudanças no que se refere aos padrões de enfoque da Sexualidade e dos comportamentos sexuais. Embora exista ainda muita repressão, de maneira geral, a sexualidade vem gradativamente passando a ser melhor compreendida, deixando de ser quase sempre exercida sem permissão social e usualmente condenada à clandestinidade.

## 2.1 3- Concepção de Sexualidade para Sigmund Freud

As descobertas de Freud sobre a sexualidade infantil, provocaram grande espanto na sexualidade conservadora do final do século XIX, visto que até esta época a criança era vista como um símbolo de pureza, um ser assexuado.

*(...) a ciência tem tão pouco a nos dizer sobre a origem da sexualidade, que podemos comparar o problema a uma escuridão em que nem mesmo o raio de luz de uma hipótese penetrou. Em outra região, inteiramente diferente, é verdade, defrontamo-nos realmente com tal hipótese, mas é de tipo tão fantástico, mais mito do que explicação científica, que não me atreveria a apresentá-la aqui se ela não atendesse precisamente àquela condição cujo preenchimento desejamos, porque faz remontar a origem de um instinto a uma necessidade de restaurar um estado anterior de coisas. (FREUD. apud REIS.2000)*

As concepções de sexualidade podem variar de acordo com a sociedade, a história, o grupo social e as diversas ciências humanas que se relacionam ao ramo que a estuda.

Freud (apud, NUNES<sup>amo</sup>), criador da psicanálise, vê a sexualidade como algo pertencente ao sujeito que tem desejos como impulso vital e busca incessantemente o prazer e a fuga da dor. A sociedade contém esses instintos Sexuais:

O princípio do prazer, idílico e erótico, violento e agressivo, rude e selvagem, teria que ser controlado, frustrado e sublimado por práticas sociais edificantes, canalizadas para a manutenção da realidade administrada racional e produtivamente ( *ibidem* p.18 ). *auo ?*

Dentro desse processo de repressões e frustrações a educação tem papel fundamental e significa enquadrar, reprimir, coagir, sufocar. Desde o nascimento, a instituição familiar educa para controlar os sentimentos a partir da repressão, reprime os instintos para que só existam comportamentos adequados para a sociedade, repressão negada e criticada por Foucault. A figura do pai representa o medo, o castigo e a proteção da fragilidade, quanto maior esse sentimento de medo, maior será a eficiência do controle social. A figura desse pai também será representada na escola, na fábrica e na sociedade geral como mantenedora da produtividade do trabalho: *satisfação econômica versus insatisfação erótica, como assinala Nunes. ( ibidem ) auo ?*

Freud considera que o amor genital, a prática sexual, é a maior forma de prazer e a sociedade tendo consciência disso trata de reprimir as práticas sexuais e faz apologia ao amor universalista que dá a sensação de que a pessoa não está na sociedade sozinha com suas frustrações, mas pertencendo a um todo.

Esse amor universalista tem na sociedade a institucionalização do permitido e do proibido, a manutenção de normas para a adequação à sociedade, ou seja, o

amor genital tem como função exclusiva a reprodução e não a satisfação e o prazer.

W. Reich ( <sup>?</sup> Ibidem ) <sup>→ amo</sup>, discípulo de Freud, vai reafirmar que a sociedade controla os impulsos sexuais primários para a possibilidade de vida em sociedade, afirmando o que seria a reformulação do princípio de Rousseau, O homem nasce bom, a sociedade o corrompe não obstante, reforça a dinâmica de sexualidade individual:

O homem nasce sexualmente livre, voltado para o prazer natural, dotado de potencialidades orgásticas equilibradas, a educação familiar e social o corrompe, nega esse prazer natural, destrói seus desejos e desagrega sua capacidade erótica fundante. Não são os instintos que devem ser reprimidos, é a natureza humana que deve ser resgatada. ( ibidem , p.22 )

Grande parte dessa mudança de enfoque é devido à divulgação das idéias de Freud que foi o primeiro a afirmar a existência da sexualidade na infância, correlacionando-a com as fases de desenvolvimento da criança. Suas declarações foram muito contestadas pela sociedade, que relacionava, ainda, a ausência de sexualidade à pureza e à inocência.

Nessa concepção, era virtuoso todo aquele que se negasse a satisfação de seus próprios desejos quando a razão não os autorizava. O exercício da sexualidade, trazendo os prazeres adivinhos do próprio corpo, se enquadrava dentro das atividades que a razão não devia autorizar.

Freud ousou declarar que todos praticávamos o sexo e que ele estava inserido na natureza humana desde o nascimento, tratando a questão não como um "pecado", mas como causa de sentimento de culpa e, portanto, de danos emocionais.

As declarações de Freud foram ainda mais valorizadas a partir dos anos 60, com o advento da chamada "Revolução de Costumes". Nesta época, os questionamentos sobre o valor da repressão sexual e o reconhecimento do sexo como matéria de estudo conduziram à noção de a vida sexuada ser um direito e não um pecado, levando a sociedade à busca do entendimento de sua própria sexualidade.

Durante essa busca, foi encontrada uma infância que, embora sexualizada, estava exposta à acentuada repressão.

Freud postulou o processo de desenvolvimento psicosssexual, o indivíduo encontra o prazer no próprio corpo, pois nos primeiros tempos de vida, a função sexual está intimamente ligada à sobrevivência. O corpo é erotizado, isto é, as excitações sexuais estão localizadas em partes do corpo (zonas erógenas) e há um desenvolvimento progressivo também ligado as modificações das formas de gratificação e de relação com o objeto, que levou Freud a chegar nas fases do desenvolvimento sexual:

→ Fase Oral

- Fase Anal
- Fase Fálica
- Período de Latência

Exemplificando então as etapas do desenvolvimento Psicosexual segundo

Freud:

#### Fase Oral

- Período: de 0 a 1 ano aproximadamente.
- Características principais: a região do corpo que proporciona maior prazer a criança é a boca. Pois é pela boca que a criança entra em contato com o mundo, é por esta razão que a criança pequena tende a levar tudo o que pega à boca. O principal objeto de desejo nesta fase é o seio da mãe, que além de alimentar proporciona satisfação ao bebê.

#### Fase Anal

- Período: 2 a 4 anos aproximadamente
- Características: Neste período a criança passa a adquirir o controle dos esfíncteres a zona de maior satisfação é a região do anus.
- Ambivalência (impulsos contraditórios)
- A criança descobre que pode controlar as fezes que sai de seu interior, oferecendo-o à mãe ora como um presente, ora como algo agressivo.
- É nesta etapa que a criança começa a ter noção de higiene.
- Fases de birras.

### Fase Fálica

- Período: de 4 a 6 anos aproximadamente.
- Características: Nesta etapa do desenvolvimento a atenção da criança volta-se para a região genital.
- Inicialmente a criança imagina que tanto os meninos quanto as meninas possuem um pênis. Ao serem defrontadas com as diferenças anatômicas entre os sexos, as crianças criam as chamadas "teorias sexuais infantis", imaginando que as meninas não tem pênis porque este órgão lhe foi arrancado (complexo de castração). É neste momento que a menina tem medo de perder o seu pênis.
- Neste período surge também o complexo de Édipo, no qual o menino passa a apresentar uma atração pela mãe e se rivalizar com o pai, e na menina ocorre o inverso.

### Fase de Latência

- Período: de 6 a 11 anos aproximadamente.
- Características: este período tem por característica principal um deslocamento da libido da sexualidade para atividades socialmente aceitas, ou seja, a criança passa a gastar sua energia em atividades sociais e escolares.

A maneira com que os pais tratam do assunto, com seus filhos também mudam com o tempo.

➤ *Anos 30 - Fase Rural - "Você nasceu na horta dentro de um repolho".*



- Anos 40 e 50 - Fase Animal - "Você veio no bico de uma cegonha".
- Anos 60 - Fase Romântica - "Você é fruto do amor do papai e da mamãe".
- Anos 70 - Fase Técnica - "Papai colocou uma sementinha na mamãe".
- Anos 80 - Fase Científica - "O esperma do papai fecundou o óvulo da mamãe".
- Anos 90 - "Você nasceu da transa do papai com a mamãe". ( revista Veja ) ?

Para Freud esta era a pergunta da qual estava em primeiro plano para o estudo da sexualidade infantil. Esta pergunta somente aparece com uma pressão pulsional causada pela presença do outro, que normalmente é um irmão. E a partir daí que começam a surgir novas ameaças como o medo de perder a mãe para esse novo outro organizador pulsional.

*(...) merece nosso mais alto interesse o impacto de uma situação pela qual todas as crianças estão destinadas a passar e que deriva de maneira necessária do fator cuidado prolongado e da convivência com os pais. Refiro-me ao complexo de Édipo... O primeiro objeto erótico para a criança é o peito materno nutridor, o amor se engendra apoiada na necessidade de nutrição satisfeita. Por certo que no começo o peito não é distinguido do próprio corpo, deslocado para "fora" por menos freqüência com que a criança o acha, carrega consigo, como objeto, uma parte do investimento libidinal originariamente narcísio. Este primeiro objeto é depois completado na pessoa da mãe, a qual não só nutre, senão*

*também cuida e provoca na criança tantas outras sensações corporais, tanto agradáveis como desagradáveis. No cuidado do corpo, ela se torna a primeira sedutora da criança. Nestas duas relações reside a raiz da importância única da mãe, que é incomparável e se fixa imutável para toda a vida, como o primeiro e mais intenso objeto do amor como arquétipo de todos os vínculos posteriores de amor... em ambos os sexos. (Reis, 2000:62).*

Dentro do campo científico, a criança é vista como ingênua e angelical e com uma base imatura biológica e também imatura na inexistência de hormônios sexuais, porém para Freud a criança seria sexualizada quando sua subjetividade fosse permeada pelas pulsões sexuais. Para ser entender melhor a criança sexualizada deve-se conhecer o conceito de sexualidade infantil que tem como base o conceito de perversão. Tal perversão é denominada por Freud como perversidade que é polimorfa e surge como conceito, que indica a sexualidade existindo desde o nascimento do sujeito, em diferentes formas e manifestações, materializando-se também em diferentes modalidades, podendo ocorrer em qualquer idade cronológica e está independente dos processos hormonais.

Freud coloca a sexualidade dentro do campo do desejo, que tem como fundamento a satisfação e o gozo e o que caracterizaria o sujeito como aquele que teria a possibilidade de desejar; sendo este desejo determinado pelo saber e pela pressuposição da presença do um outro.

Em crítica ao processo civilizatório, Freud conforme citado por Reis

*(...) argumenta que o mesmo se realizaria pela imposição de um modelo de circulação pulsional em que prevaleceria o recalque, a sublimação e a perversão sob a égide da reprodução biológica e não do corpo erógeno e da perversidade polimorfa que pouco a pouco foi sendo interdita, ou seja, primeiro esta teria surgido em seu estado puro entre as pessoas, depois reprimida por estar subsumida à reprodução e a seguir, transformada em casamento heterossexual de modo a legitimar socialmente as trocas sexuais. (Reis, 2000:64).*

Com isso Freud se mostra a favor do múltiplo contra a unidade, criticando a sexualidade como única fonte de reprodução da espécie e reguladora do gozo e do prazer, mostrando também que o prazer sexual não ocorre somente através do outro e de sua genitália, já que estes seriam apenas um dos objetos de desejos e eróticos, apontando que o corpo humano é permeado por diversas possibilidades eróticas e o aparelho genital perde seu valor sexual quando utilizado somente para certas finalidades. Freud circunscreve uma geografia erótica do corpo humano, demarcado por várias e diferentes zonas erógenas. O que acontece aqui é que o corpo erógeno não está ligado à idéia de unidade ou totalidade, mas sim a idéia de separação e fragmentos e que vai a busca do incompleto e do parcial.

O que é fundamental destacar dentre as obras de Freud é a importância ao que foi esquecido nos indivíduos – **sua infância e sua sexualidade.**

Com total autonomia relativa conferida à função pulsional dentro do discurso freudiano, o conceito de pulsão de morte toma novos rumos e se torna o centro para o chamado registro da economia pulsional, que vai nos mostrar os impasses e impossibilidades da atividade analítica e também vai nos mostrar os avanços da maturidade freudiana e é a partir daí pode-se pensar em uma estética e uma ética para a psicanálise. O registro da economia pulsional se fundamenta nas dimensões de afeto – *o afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações; podendo se apresentar a partir de qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável; vago ou qualificado; quer se apresenta de forma de descarga maciça quer como tonalidade geral (Reis, 2000:67).* – e é através desta dimensão que o sujeito produz uma mobilidade mental capaz de impedir o cancelamento psíquico responsável pelo poder criativo e crítico.

A criança é impossibilitada de dominar e fixar suas pulsões por não total controle sobre a movimentação pulsional que é a base de todo o pensamento psicanalítico que para Freud é atribuída a uma carência fundamental do sujeito; a sua prematuridade a função pulsional ao nascer é o que a coloca sempre dependente do outro.

*Na genealogia da representação, do sentido e do sujeito, é sempre o Outro que pode permitir que a força pulsional possa inscrever-se nos campos do objeto e dos representantes, sendo sua ausência aquilo que vai determinar, o que Freud enunciou como teoria da dívida simbólica que traz por fundamento um sujeito marcado pelos registros dialógico e alteritário, o que vale dizer: para se construir enquanto tal, o sujeito contrai uma dívida para com o outro que lhe possibilitou*

*a existência. Questão que torna evidente o fato de que o sujeito para a psicanálise não se confunde com a idéia de individualidade proposta pela tradição positivista, na medida em que, sem o outro que lhe transcende, o sujeito jamais poderia se constituir (...) (Reis, 2000: 68).*

Na concepção freudiana, a dívida simbólica traz consigo a prematuridade humana, ou seja, por ter uma incapacidade biológica de viver no mundo sem o auxílio do outro até que se torne independente, o indivíduo depende exclusivamente do outro (que geralmente é a presença da mãe) que lhe oferece condições de sobrevivência, o que Freud denominou como sedução que tem como caráter precisamente erótico, devido ao erotismo ligado às figuras parentais. Com isso a idéia de reprodução biológica tendo como único ponto de prazer à genitália se contrapõe a reprodução simbólica onde a sexualidade seria perverso-polimorfa, sem ter como objeto central a genitália.

O denominado complexo de Édipo foi formulado para dar conta da problemática da filiação e da reprodução simbólica, demarcando a presença de processos de identificação e da diferença sexual que impõe ao sujeito o reconhecimento autoritário, portanto, impõe-se a ele a perda de toda e qualquer realização dos seus desejos. Questão que coloca o discurso freudiano dentro de uma nova dimensão problemática – a concepção de feminilidade que se organiza intimamente ao conceito de desamparo. A feminilidade não se caracteriza com o pensado correspondente feminino, é entendido como a forma difícil de ser do sujeito, pois a fragilidade e a incompletude humana se tornam as formas mais primordiais do sujeito.

Tem no texto  
ou não?

As histórias ouvidas, as músicas cantadas, os sons inesperados, os cuidados as carícias recebidas, a violência sofrida, o amor e o desamor, o prazer e o desprazer, certamente são marcas pregnantes que vão direto ao nosso corpo, encarnando-o, desencarnando-o; encantando ou desencantando. Assim, se formam os silêncios e os silentes; os esquecimentos e os esquecidos, a partir dessa iniciação que se faz na infância, tanto no prazer como na dor e no medo. (Reis, 2000:59).

Freud amadureceu suas teorias partindo do campo da sexualidade e da fantasia, onde irá fortalecer suas convicções de que o sujeito é o suporte para seus trabalhos. O corpo erógeno é visto por Freud não como instintual ou assujeitado ao natural, deixa de ser um corpo teorizado como força de trabalho e se torna um corpo voltado para o prazer. A força de um corpo erógeno que se cria e se recria está presente em tudo àquilo que esquecemos, ou seja, aquilo que insistimos em não lembrar, como por exemplos as lembranças de infância que muitas vezes são reprimidas ou causam transtorno na vida adulta do indivíduo. Freud aceita a idéia de que pela literatura e pela arte pode-se ajudar a dar significado à estranha intimidade humana.

É na relação com o outro, ou seja, o adulto- criança, é que o adulto apela para o seu lado criança para se sentir adulto e poder provar o gosto das experiências e encantamentos que nos trouxeram à vida mental, contudo não

devemos, desprezar o fato de existir uma produção de prazer provinda de outra fonte. (Freud, 1920).

Portanto é nos estudos dos sonhos que Freud confessa que a sexualidade, tanto para ele como para seus pacientes, não é algo pronto e acabado, muito pelo contrário, ela é resultado de uma síntese de diferentes pulsões que atuam sobre o corpo criando uma multiplicidade simbólica, o que nos afasta de pensar nos corpos como caminho da anatomia e da biologia.

No livro Pulsões e seus destinos, ainda pesquisados por Reis escrito por Freud em 1915, esse autor nos apresentam uma noção de conjunto de pulsão, o de representante psíquico das excitações oriundas do interior do corpo que chegam até a mente, ou seja, uma fronteira entre o psíquico e o somático. O objeto de pulsão é variável e contingente, com metas múltiplas e parcelares e que estão intimamente ligadas às suas fontes somáticas. A única finalidade da pulsão é a satisfação. O conceito de pulsão veio para desbancar o conceito de instinto, porém por um outro lado o conceito de pulsão encontra-se em estado polimorfo, tentando retirar a tensão que está somente ao nível corporal, e que se ligar em objetos e modos de satisfação, o que torna o sujeito fortemente individualizado.

Com base nos seus trabalhos clínicos, Freud pode observar que tudo que leva ao paciente ao esquecimento gira em torno do sexual, o que serve de base das

outras, por meio de fantasias que se erguem à frente delas. As fantasias provêm de coisas que foram ouvidas, mas só posteriormente entendidas, e todo o material delas, é claro, é verdadeiro. São estruturas protetoras, sublimações dos fatos, embelezamento deles e, ao mesmo tempo, servem para o alívio pessoal.

Sendo assim, a sexualidade é formulada como uma demanda especificamente humana que não tem limite no corpo biológico ou do instinto. Passa a se articular por outra dimensão: a da representação e do prazer/desprazer.

A psicanálise rompe com a questão do instinto e cria um novo campo de saber – a pulsão sexual – para que tal campo possa existir precisa-se de duas fontes geradoras de energia: o instinto sexual e a libido. A pulsão pode sofrer derivações que passam pela transformação da força pulsional da atividade até a passividade, seu retorno à própria pessoa, o recalque e a sublimação. Para trabalhar a força pulsional da atividade à passividade é preciso se utilizar de duas referências: a modificação da atividade e também a inversão do conteúdo, ou seja, significa que a pulsão para não se esvaziar por completo precisa de um outro corpo, através do qual o retorno pulsional se realize.

No livro Três ensaios sobre a teoria da sexualidade Freud nega a ausência das pulsões no conceito de sexualidade infantil devido a nossas reminiscências, ou



seja, é tudo aquilo que está guardado dentro de nossa memória e é a partir dessa reminiscência que se descobre o corpo erógeno e...

*a sexualidade é entendida como reguladora dos destinos do prazer e da dor de cada sujeito e, o corpo erógeno só se constituirá apoiado ou inscrito ao corpo vivo, receberá uma nova ordem organizadora, distinta do corpo estabelecido pelo saber médico-fisiológico e normalizado pela sexologia. (Reis, 2000:60).*

Com a afirmação de que pulsão enquanto força não é nem consciente e nem inconsciente, como Freud nos descreve nos livros o recalque e ~~o~~<sup>o</sup> inconsciente, ocorre uma inversão dentro do quadro teórico, que tinha sido apresentado antes como o inconsciente sendo o núcleo; e agora passa a ter um conceito de pulsão como fundamento para a sua psicanálise.

2.2

#### ~~4~~ - Concepção de Sexualidade para Michel Foucault

Segundo Foucault ( REIS, <sup>ma)</sup> A Sexualidade e os Escolares da Educação Fundamental: Entre a Vontade de Saber e o Cuidado de Si) em suas teses, a

nota de rodapé

*sociedade capitalista não obrigou o sexo a silenciar-se, ao contrário, este é incitado a manifestar-se e esta mesma sociedade nos convida a falar de nossa sexualidade.*

A vontade de saber da nossa sexualidade, nossas opiniões e pensamentos sobre a mesma, se torna artifício básico de controle disciplinar do corpo e da população. A sexualidade é controlada por dispositivos saber-poder, que não são exercidos de forma única e estatal, mas de forma geral. O poder está em tudo até em nós mesmos, daí nos controlarmos para conter nossa sexualidade e dos outros.

Traçar concepções de sexualidade, diante dessa perspectiva de sociedade atual, não se trata de uma tarefa simples, não se trata de uma concepção cartesiana racionalista única e geral, mas de várias concepções e reflexões sobre o assunto, que vão além das perspectivas biológicas que, ainda nos tempos atuais, constituem-se como fundamento das informações exaustivamente fornecidas aos sujeitos.

A originalidade do autor é analisar a sexualidade dentro de uma ótica até então pouco discutida, vista como um dispositivo de poder e um operador de dominação. O que chama a atenção em sua análise é que ela se distancia da visão tradicional de um poder centrado nas mãos do Estado e na Lei, que reprime o sexo do homem. Ou seja, Foucault afasta-se da visão de uma repressão sobre o sexo indicando que o poder sobre ele se opera da mesma forma e em qualquer lugar. Para ele, a sexualidade do homem não sofreu, nos últimos três séculos, uma grande

repressão, porém aconteceu o contrário, o sexo foi colocado numa rede de discurso onde se fala do sexo a todo o momento e em todos os lugares.

A "hipótese repressiva de Foucault" se entrelaça com sua concepção de poder, à medida que não conhece e não entende o poder como autoritário, centralizado e repressivo, exclusivamente do Estado e da Lei. Esta visão de poder ele chamou de "jurídico-discursiva".

A soberania do Estado e a imposição da <sup>l</sup>Lei são para Foucault (1992) apenas formas terminais de poder, ou seja, existe uma micropolítica de poder que faz com que o Estado e a <sup>l</sup>Lei possam atuar juntos e com as mesmas idéias. Existe uma onipresença do poder, mas isso ocorre não porque esteja localizado em um único ponto, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e, outro e desta maneira, o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. Nesta concepção, o que se deve focalizar são os mecanismos de poder atuando sobre o indivíduo e sobre a sociedade, adquirindo caráter normalizador.

Para Foucault (1992:244) um dispositivo é...

*Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações, arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados*

*científicos, proposições filosóficas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo.*

Os dispositivos são formados pelos conjuntos de práticas discursivas ou não, podendo ultrapassar aquelas instâncias jurídicas de poder, ou seja, o Estado e a Lei. Essas práticas possuem uma tecnologia própria de sujeição, atuando numa dinâmica particular de poder, porque parece permitir o que não permite, fala o que não se pode falar e estimula a vontade do saber. Esses dispositivos de poder atuam como mecanismo articulados visando obter o controle sobre a vontade de indivíduo e da sociedade. Desta maneira temos o dito num dispositivo de poder. (Costa, 1979:50).

As práticas não discursivas – o não dito – se inscrevem na materialização do dispositivo como criação de instituições, das técnicas de organizações arquitetônicas para controle dos corpos dos indivíduos, nas decisões regulamentares, nas leis, nas medidas administrativas. Assim um dispositivo pode-se tornar em um discurso verbalizado, mas também não verbalizado, num discurso silencioso, declarado; pode aparecer na sociedade de maneira revelada. Estas discursividades são articuladas nas táticas e aos objetos de poder. Desta forma, através da teoria posta e das ações práticas, um dispositivo se impõe na sociedade normalizando a vida do indivíduo e de toda a sociedade, construindo o cidadão necessário a ela. Neste sentido, Foucault (1990) entende que a escola, o quartel, o hospital e a prisão são microespaços de poder, onde o dispositivo se faz muito

presente. Portanto a sexualidade é um dispositivo histórico muito concreto de poder. Dentro de sua percepção, ela aparece nas sociedades como...

*"Um ponto de passagem particularmente denso das relações de poder, entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população" (Foucault, 1990:98).*

O dispositivo de Sexualidade se inscreve nas mais variadas relações de poder existentes na sociedade, do pai para o filho, do homem para a mulher, do professor para o aluno, do médico para o paciente, do governo para a população etc. desta maneira, a sexualidade mostra ser um dos elementos mais eficazes de controle sobre o sujeito e a sociedade (Reis, 2000).

Ainda perseguindo as teorias postas nas teses de Foucault o dispositivo de sexualidade vai atuar, sobretudo sobre o corpo do homem e é a partir do Século das Luzes que o corpo começa a ser descoberto com um objeto e como alvo de poder.

O corpo se torna instrumento de desejo, de prazer, sendo um lugar privilegiado de sensações, lugar do sexo anato-biológico, como possibilidade de manifestação de uma sexualidade, o corpo trabalha, tem que ser controlado, disciplinado e vigiado. Porém, acima de tudo deve ser saudável. O bom corpo é o dominado e o produtivo. (Santos, 1996:09).

O poder é polivalente, ou seja, perpassa e envolve múltiplos lugares de espaço social o que acaba por definir alguns pontos de poder de onde irão surgir vários conceitos e a maior novidade é o conceito do poder como positividade, e também como criador de práticas e instituições, produtos até mesmo do próprio sujeito.

Este poder apresenta como características a organização do espaço, do tempo e a vigilância como principal instrumento de controle. Essas características se desenvolvem em um conjunto de instituições tais como a escola, o hospital, a prisão, o quartel e o convento. A disciplina atua sobre o corpo do homem, controlando seus gestos e comportamentos, tudo através de técnicas como teste, entrevista, interrogatórios, consultas, observações, constituindo-se em toda uma tecnologia de dominação. Essas técnicas de dominação classificam e objetivam os indivíduos, buscando-se identidades pessoais, como por exemplo, de padrão social coletivo. A classificação e a objetivação são aceitas, internalizadas e adotadas pelo indivíduo, que passa a ser controlado por si mesmo e de uma sociedade cuja é dita e considerada "normal". Com isso, as técnicas de dominação transformam os indivíduos em sujeitos, aqui no sentido de sujeição, em indivíduos subjugados.

A disciplina é uma postura, atitude, investigação, elemento de poder, uma técnica e um processo. Como explica Foucault (1994:22)

*A 'disciplina' não pode se identificar com uma instituição, nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma 'física' ou uma 'anatomia' do poder, uma tecnologia.*

⇒ Sendo assim, a disciplina faz parte do conjunto de técnicas de poder que permitem aos profissionais em educação ou a existência de políticas geradora de discursos normalizadores do indivíduo e, conseqüentemente, da sociedade deste próprio indivíduo.

O conceito de disciplina também significa um processo que não pode mais ser separado do saber e do poder. Neste conceito, Foucault cita Marx (1968:03): *no processo de formação das sociedades capitalistas deu-se o desenvolvimento de um 'controle dos homens' ou docilização dos corpos, ou seja, existe uma lógica na relação de força que não está presente somente no processo de trabalho do homem, trabalho industrial e agrário, se estende para os asilos, as escolas, as casernas e as prisões.*

Um exemplo clássico que é citado por Foucault é o Panóptico de Bentham em *Vigiar e Punir*, ou seja, uma estrutura arquitetônica, criada especialmente para ser utilizado como prisões; em forma de anel na periferia, tendo uma torre central com largas janelas que se abrem para a parte interna do anel. A construção é dividida em celas que possuem, cada uma, duas janelas, uma voltada para o

interior, em correspondência às janelas da torre, e a outra voltada para o exterior, onde permite a entrada da luz em toda sua extensão. A partir da torre central pode-se observar todas as celas. Assim das funções da masmorra - o trancar, privar da luz e esconder no Panóptico, só se mantém o trancar. O efeito mais importante do Panóptico era introduzir no indivíduo um estado consciente e de visibilidade para o funcionamento automático do poder. Isto é bem representado pela escola tradicionalista, onde o poder está centralizado nas mãos dos professores, que são os detentores do saber e do poder, um poder totalmente capitalista, de acordo com a sociedade onde vivemos. Temos exemplos de escolas tradicionalista onde o regime é o internato, o aluno é "preso" dentro do colégio só podendo sair para visitar os pais com a permissão deles.

Foucault desenvolveu, a partir do conceito de Marx, o conceito de acumulação do homem, que é preciso docilizar o corpo previamente para poder explorá-lo. Sendo assim, o conceito de disciplina como métodos que permitem o controle das operações do corpo são sujeitos as constantes forças que afundam numa anatomia política do corpo. O poder é polivalente, ou seja, perpassa e abraça múltiplos lugares de espaço social o que acaba por definir alguns pontos de poder. Irão surgir vários conceitos e a maior novidade é o conceito do poder como positividade, e também como criador de práticas e instituições, produtos até mesmo do próprio sujeito.



Dentro do ponto de vista da Ciência Moderna, Foucault (1975) indica formas para o dispositivo do poder-saber:

- *A medida – como função da ordem, um saber matemático – físico;*
- *A enquete – como meio de recenseamento e centralização, um saber estatístico e;*
- *O exame - como função de seleção e de exclusão, permitindo restaurar e fixar a norma.*

Sem dúvida, não era a primeira vez na história do mundo que se investiga a sexualidade e o corpo do homem. Sabe-se que desde a Grécia Antiga o corpo foi e é alvo de interesse pelo homem. Porém o século da racionalidade procurou produzir um tipo de indivíduo com um comportamento desejado pelo sistema de dominação e pelo sistema de produção capitalista emergente, fazendo nascer uma arte do corpo para sujeitá-lo.

A mulher também surge como alvo preocupante. O dispositivo da sexualidade colocou sobre a mulher desocupada, ou seja, aquela que não trabalha, os limites do mundo que a cerca e da família. Foi dado à ela um novo rol de obrigações conjugais e parentais, entre elas o fortalecimento do papel de mãe.

A sexualidade, enquanto investimento do poder, é de origem burguesa sendo estendida posteriormente ao proletariado, como forma de obediência, sujeição de classe. Como coloca Reis (2000:56)

*A sociedade capitalista não obrigou o sexo a se calar ou a se esconder, ao contrário o sexo é incitado a confessar-se e a manifestar-se, através de uma multiplicidade de estratégias onde proliferam discursos que nos convidam incessantemente a enunciar nossa sexualidade (...).*

3 ~~4.1~~ - A CONSTRUÇÃO DA IDÉIA DE SEXO NAS TEORIAS  
FOUCAULTIANAS

Foucault nos mostra que em várias culturas existe uma *ars erótica* (arte erótica) e não somente o domínio de uma *scientia sexualis*, ou seja, de formas de iniciação e prazer sexuais.

Na *ars erótica*, a verdade sobre o sexo é extraída do próprio prazer, e não instituída por uma lei prescrita entre o lícito e o ilícito, o permitido e o não permitido. Esta prática é comum nas sociedades orientais e sua qualidade deve ser sentida com o corpo e também com a alma e não deve ser vista como um pecado...

(...) o prazer é tido em relação a si mesmo. Sua duração e qualidade devem ser reverberações sentidas no corpo e na alma. Esta arte constitui-se como um saber que deve ser secreto, não como suspeita de infâmia cometida ou despudor, mas como prazer e gozo, pois segundo a tradição se assim não fosse perderia sua eficácia. (Reis, 2000: 10).

Para Foucault (1990) em A História da sexualidade nos descreve

→ *existem essas?*  
" O saber sobre o prazer deve permanecer secreto, não em função de uma suspeita de infâmia que marque seu objetivo, porém pela necessidade de

*mantê-lo na maior discrição, pois, segundo a tradição, perderia sua eficácia e sua virtude ao ser divulgado.* <sup>11</sup>

Arte em grego se diz *techné* – técnica, então a arte erótica se constitui basicamente em um conjunto de técnicas ensinamentos secretos (rituais de iniciação e preparação erótica de homens e mulheres) que está destinado à total plenitude. Portanto o que é mais importante é o próprio bem estar do corpo e da alma. No ato sexual, o gozo perfeito é o que importa não importando o tempo. A plenitude do prazer sexual significa o elixir da longa vida contrapondo-se à morte. Temos um exemplo clássico da arte erótica oriental que é o *Kama Sutra*, utilizados por muitos para descobrir novas formas de prazer.

A nossa cultura cristã européia ocidental criou uma *scientia sexualis* para melhor controlar o corpo e o sexo do homem. Assim, a *scientia sexualis* se tornou um dispositivo de sexualidade que, ao contrário da *ars erotica*, nos fala sobre o sexo, produziu uma verdade e um discurso científico sobre ele, uma tecnologia. O sexo aparece como objeto de conhecimento, de uma ciência-confissão, que através de procedimentos técnicos, ou seja, exames, interrogatórios, observação e entrevista, nos iniciam a falar, confessar. Este confessar nos revela verdades não apenas ao ouvinte mais também ao sujeito que fala; a confissão tem efeitos sobre o próprio sujeito confessor. Reis (2000:04) nos cita Foucault para explicar a *scientia sexualis*:

*A verdade e o sexo se ligavam, na forma da pedagogia, pela transmissão corpo-a-corpo de um saber precioso; o sexo servia de suporte às iniciações do conhecimento. Portanto, é a verdade que serve de suporte para o sexo e suas manifestações, aqui o difícil saber do sexo não se liga à transmissão máxima do segredo do mestre ao discípulo, mas em torno da lenta e fecunda ascensão da confiança.*

Neste movimento, a *scientia sexuali* não está dissociada da relação poder-prazer, não no sentido literal das palavras, mas sim no sentido de que existe prazer em ter poder sobre o sexo – incitar a falar a verdade, interpretá-la, instituir o normal e desviar do instituído como normal.

O sexo é colocado em discurso, é alvo de poder e saber através de estratégias que aparecem sob forma de poder sobre o corpo da mulher, à esta lhe são atribuídos dois papéis – de mãe (mulher que procria) e o seu papel negativo, o de histérica (mulher nervosa); e pedagogização do sexo da criança: inocente em relação ao que vem a ser uma sexualidade saudável, a criança é a preocupação de todos, porque sujeita a se dedicar a atividades sexuais indevidas, por isso, perigosas. Essa pedagogização travou uma luta contra o maior risco – a prática da masturbação que foi classificado como doença, sendo uma preocupação excessiva.

## 4.5 - A Sexualidade dos Alunos da Educação Infantil

### 4.5.1 - Sexualidade na Infância

Até o século XVII a infância não era sequer reconhecida como um período bem individualizado da vida humana. Sob esse enfoque, a criança era vista apenas como um pequeno adulto, não recebendo uma educação específica e tendo que, muito precocemente, conviver com trabalho e com as preocupações próprias dos adultos.

A partir desse século, com o empobrecimento da nobreza e com a ascensão da burguesia, ocorreram movimentos de valorização da cultura, passando a ser exaltada a pureza infantil, dentro de todo um contexto social de revalorização de alguns movimentos religiosos. Compreendia-se, então, a prática do sexo como atividade pecaminosa e não merecedora de aceitação divina e social.

As crianças, por não terem os genitais externos ainda desenvolvidos e por não praticarem atividades sexuais, estavam em estado de pureza, isentas assim de qualquer "culpa".

Ainda sob esse ponto de vista, acreditava-se ser essa "inocência" proveniente da ignorância sobre sexo, sendo então defendida a postura da conservação dessa inocência para a manipulação da ignorância. A partir desses conceitos, foi valorizado um tipo de "educação" que ao mesmo mantinha as crianças

(e os adolescentes) desinformados e impunha-lhes um padrão repressor de comportamento, visando-se mantê-las afastadas da curiosidade e dos conhecimentos sobre a sexualidade.

Os resquícios sociais de tais padrões educacionais são bem evidenciados na angústia que a maioria dos adultos atuais sofre frente às manifestações da sexualidade infantil, por exemplo, a masturbação.

É nessa idade que o aluno da Educação infantil começa a questionar de onde ele vem, como o bebê entra na barriga de sua mãe, como é feito o bebê, entre outras questões relacionadas a sexualidade que começam a aparecer. E muitas vezes, os pais equivocadamente, acabam achando que eles ainda não possuem maturidade suficiente para tratar de certos assuntos o que é, certamente, um grave engano. E por causa desta repressão, muitos adultos têm medo de tocar seu próprio corpo e sentir prazer por ele mesmo, pois a geração anterior era, muitas vezes, punida, e repreendida, caso mencionasse ou quisesse saber alguma coisa a respeito da sua sexualidade, e a geração atual é bombardeada pela estimulação precoce e pela erotização banalizada.

Então como deve agir os pais e educadores?

→ As respostas a serem dadas devem ser de total espontaneidade e com o máximo de comprometimento com a verdade, pois será a base sólida para se tomar um pensamento já direcionado a sua vida sexual, quando adulto.

→ A forma de como se trata o tema sexo com as crianças deve ser bastante clara porque não adianta esconder deles coisas que mais tarde saberão por outros meios ou por outras pessoas de menos confiança que os pais, que por sua vez pode ser uma informação inadequada ou contrária daquilo que estes pretendem ensiná-los. A tendência é de que <sup>o</sup> Quanto melhor o adulto tenha experiência sexual tranqüila mais natural será sua reação às explorações espontâneas infantis.

Os pais se dedicam com entusiasmo a vivenciar a sua própria sexualidade – nem sempre, porém, com sucesso – e, quando são abordados pelos filhos para orientá-los se defrontam com algo que nem sempre está suficientemente resolvido ou confortável em suas próprias vidas.

*(...) A melhor maneira de tratar o tema "sexualidade" é com honestidade e franqueza. E, na medida do possível, começar a abordar a questão logo que nos fizerem a primeira pergunta sobre sexo. Não disfarçar, não mudar de assunto, não fugir. Se, desde cedo, as crianças perceberem que este é um tema natural, como outro Qualquer, terão também segurança para tratar de suas dúvidas e incertezas com os pais. Se não houver esta naturalidade e franqueza, elas logo perceberão e procurarão novas fontes de informação, que considerem mais convincentes (Fagury, 1999:169).*

Existem algumas questões que devem estar clara para os pais no momento em que forem conversar com seus filhos:



- Esclarecer somente os aspectos relativos à pergunta;
- Não transformar uma simples resposta em uma aula de sexualidade;
- Evitar demonstrar atitudes que demonstrem que estão sem graça ou encabulados ao lidar com o assunto;
- Responder de forma clara, simples e objetiva sem ficar fazendo "rodeios", caso os pais tenham algumas regras a serem seguidas que isso fique bem claro porque é importante que os filhos saibam da postura e da posição deles em relação ao <sup>o</sup>sexo, porém é importante deixar claro que existem pessoas que pensam e agem de forma diferente.

O mais importante é fazer de seu filho seu amigo, alguém em quem ele possa confiar e resolver questões que estão em conflito e para resolver esses problemas somente uma conversa franca e de total veracidade dos fatos. A relação da sexualidade infantil tem como principal aspecto o apego emocional e amoroso com a mãe.

A partir da conceituação da sexualidade e do reconhecimento de sua importância no desenvolvimento global, serão apontados as possibilidades e os limites da atuação nesse campo para os educadores.

## 4/5.2 - Manifestação da Sexualidade na Escola

A sexualidade é primeiramente abordada no espaço privado, ou seja, dentro do seio familiar. Sendo de forma explícita ou implícita são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças assumam.

Não é apenas em portas de banheiros, muros e paredes que se inscreve a sexualidade no espaço escolar, ela "invade" a escola através de atitude dos alunos em sala de aula e da convivência social. Há também uma clara presença da sexualidade dos adultos que atuam na escola, pois pode-se notar, por exemplo, uma grande inquietação e curiosidade por parte dos alunos que a gravidez de uma professora desperta em seus alunos.

O trabalho sistemático da escola então constituirá numa orientação sexual com promoção da saúde das crianças, realizando trabalhos que possibilitem a ações preventivas às DST/ AIDS de forma mais eficaz. Este trabalho de orientação sexual também poderá prevenir os graves problemas de abuso sexual e gravidez indesejada.

As manifestações da sexualidade infantil mais freqüentes acontecem na realização de carícias no próprio corpo, como por exemplo a masturbação, na curiosidade sobre o corpo de outro, na hora de ir ao banheiro e até mesmo no

banho, nas brincadeiras com os colegas, nas perguntas ou ainda na reprodução de gestos e atitudes típicos da manifestação da sexualidade adulta que às vezes são vistas pelas crianças sem que os adultos percebam.

A escola querendo ou não sempre intervém, em algumas questões acerca da sexualidade, quando proíbe ou permite certas manifestações e não outras, ou seja quando opta por avisar os pais sobre as manifestações de seus filhos, portanto ela transmitirá valores mais ou menos rígidos dependendo dos profissionais envolvidos naquele momento.

Sabe-se que a curiosidade das crianças a respeito da sexualidade são questões muito significativas, e a satisfação dessas curiosidades contribui para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto a não satisfação gera ansiedade e tensão.

Essas manifestações são bem freqüentes em crianças de ciclos iniciais que manipulam seus genitais e fazem brincadeiras que envolvem o contato corporal nas regiões das genitais, que acaba sendo a masturbação o que é normal e freqüente. Ela nada mais é do que o emprego de um recurso natural para a satisfação e, conseqüentemente, contra a frustração e a raiva, o ódio e o medo que se seguem a isso.

Na verdade, faz parte da auto-descoberta da criança e da verificação de que a estimulação dos genitais provoca sensações agradáveis. Uma vez descoberta, ela pode ser continuada e costuma ser mais freqüente em épocas de tensão, stress, tédio, monotonia ou para induzir ao sono, portanto a intervenção do educador deve se dar de forma a apontar a inadequação de tal comportamento às normas de convívio escolar e social.

O educador deve reconhecer como legítimo e lícito, por parte das crianças e dos jovens, a busca do prazer e as curiosidades manifestadas acerca da sexualidade, uma vez que fazem parte do seu processo de desenvolvimento.

É importante lembrar que para criança não é preciso ter presenciado cenas ou representações de sexo, nem ao vivo ou por algum meio de comunicação, para que se envolvam em algum tipo de exploração do sexual, isto pode vir a acontecer exclusivamente por curiosidade e desejo o que é normal no processo de desenvolvimento.

*Após uma fase de curiosidade quanto às diferenças entre os sexos, por volta dos cinco e seis anos, a questão do gênero ocupa papel central no processo de construção de identidade[...] (idem, 1998:20).*

A questão do gênero ocorre quando se define o sexo como feminino e masculino; o homem e a mulher; o menino e a menina, e ao se perceberem deste modo, como menino e menina, começam a notar não somente características culturais diferentes, como por exemplo: cor de roupa, brinquedos, atividades e brincadeiras como também são notadas diferenças nas características físicas, a diferença do corpo do menino e da menina o que acaba refletindo nas interações entre eles mesmos, como a separação espontânea de dois grupos bem distintos: o grupo dos meninos e o grupo das meninas. Como prova disso, dentro da própria sala de aula ocorre isso, a todo o momento, a separação natural de menino e menina, onde a cor a ser usada representa a diferença gênero, onde as brincadeiras possuem cada grupo diferenciado e assim por diante e é somente a partir dos oito anos, onde surge o período das paixões, é que começa a entender um pouco como realmente isso, e acontece que a divisão por si mesma diminui.

notas?

A curiosidade a respeito das diferenças anatômicas é evidente, mesmo em crianças mais novas, na hora do banho ou ao olhar o pipi do outro. Esses jogos sexuais ocorrem devido à curiosidade que a criança tem a respeito dos adultos, de como eles diferem das crianças e de como são feitos os bebês.

Têm crianças que tomam banho junto com os pais é essa curiosidade fica ainda maior o que aumenta também a diferença pelos genitais das outras. As crianças farão explorações mais sérias dos corpos umas das outras. Brincar de

"médico ou enfermeira" é sempre uma forma útil de satisfazer essa curiosidade, ou ainda uma brincadeira de "pegar no pipi".

Dentro das escolas, a hora de usar o banheiro é dividida e cada um tem banheiro separado para justamente não intensificar essa curiosidade natural. Uma certa dose de tais atividades é normal. O preocupante é a compulsão com crianças que fazem isso o tempo todo.

Portanto, o professor deve orientar e respeitar a opinião de cada aluno e ao mesmo tempo garantir o respeito e a participação de todos.

## 5) 6- PCN'S : Controle e Disciplina

*Eu deveria mandar três recados, mas vou ver se mando um só. Acho que era preciso que homens e mulheres que fazem política neste país começassem a compreender, de forma diferente, a expressão EDUCAR É MINHA PRIORIDADE. Não há prioridade que não se expresse em verbas. Não adianta o discurso da prioridade para no ano seguinte dizer: É prioridade, mas, lamentavelmente, não tenho dinheiro. É preciso que este país alcance o nível em que isso não possa mais ser dito, é preciso que os professores não aceitem que se diga isso.*  
 Paulo Freire (apud REIS)<sup>1</sup>

As políticas que querem se impor são justamente as que impedem a reflexão na escola, por exemplo, os PCNs que querem prescrever situações educacionais e impor temas transversais que não são tão transversais.

A política neoliberal faz de tudo para desqualificar a educação pública voltada para a qualidade social, estimulando um mercado consumidor de educação direcionada apenas para o trabalho produtivo. Ora, para isso nada mais adequado que *provões* para demonstrar o baixo nível das escolas públicas.

As críticas atuais de muitas associações, principalmente a ANFOPE<sup>2</sup>, são de que os professores também têm sido formados para que não critiquem as políticas governamentais: para eles uma formação de nível superior, mas sem pesquisa e maiores reflexões, <sup>adocados</sup> um ensino *normal* mascarado com um título de nível superior:

Professores que não são pesquisadores, autores e leitores, e que não produzem saber, servem apenas para aplicar o que seus "superiores" mandam e o

<sup>1</sup> REIS, Maria Amélia G. de S. Educação Sexual nos PCNs: o feitico e os feiticeiros. ANPED: 1998. (Paulo Freire em palestra na UERJ 1997).

<sup>2</sup> Associação Nacional pela Formação dos Profissionais em Educação

que os PCNs prescrevem e não para refletir e tentar transformar a educação em uma prática mais igualitária, intercultural<sup>3</sup> e transversal<sup>4</sup>.

Políticas educacionais que tendem o controle realmente são exercidas, mas as políticas que possibilitam crítica, reflexão, construção de conhecimento e democracia são as vetadas, as negadas por "falta de verba".

É necessário, de acordo com Tardif<sup>5</sup>, que os professores tenham valorizado o seu saber, principalmente o saber da experiência que se mostra tão importante nas narrativas dos próprios professores. Isso tem que ser feito a partir da pesquisa sobre essa experiência, reflexão sobre a prática para que possamos unir "especialistas"<sup>6</sup> e professores em uma só busca: o melhoramento da escola e a valorização do ensino e aprendizagem trazida pela criança.

Os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais – são produzidos pelo MEC com a intenção de controlar e ditar normas para a educação e, assim, para a sociedade. E não somente normas para as disciplinas que sempre se apresentaram na escola, mas regras sobre 'Temas Transversais' que devem ser incorporados nas áreas já existentes e no trabalho educativo da escola. ( BRASIL. Secretaria de

<sup>3</sup> Integrando as culturas e não simplesmente tendo como pressuposto a diversidade de culturas, como na perspectiva multicultural.

<sup>4</sup> Sem hierarquia de saberes, nem de pessoas, a educação se dá em rede.

<sup>5</sup> TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. LAHAYE, Louise. Os professores face ao saber – Esboço de uma problemática do saber docente. IN: Revista Teoria e Educação 4, Rio de Janeiro, 1991.



Educação Fundamental. PCN'S.MEC/SEF.1997:5) . Temas Transversais, segundo os PCNs, são assuntos considerados importantes a serem refletidos na escola para que, assim, se possa construir cidadania de igualdades no país, são eles: Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde e Orientação Sexual.

Maranhão questiona se a sigla PCN não significaria "Processo 'Civilizatório' Nacional" tendo em vista que os PCNs se denominam base para a educação, mesmo que o discurso que paira sobre ele seja o da não necessidade/obrigatoriedade de segui-lo: Essa tarefa (garantir a todos a efetivação do direito de ser cidadãos) demanda a afirmação de um conjunto de princípios democráticos para reger a vida social e política( BRASIL op cit. P.8 ), os princípios de que se fala estão explicitados no decorrer dos PCNs e demonstram que querem realmente 'reger a vida social e política' a partir da educação, a busca pela cidadania para todos se torna motivo para controlar os próprios indivíduos da sociedade. Assim como demonstra Uberti: ( UBERTI, Luciane.2000: 1)

*Os 'Temas Transversais' pretendem a mobilização dos conteúdos em torno dos diversos aspectos que compõem o exercício da cidadania, fazendo desta a matéria moral do infantil a ser trabalhada pelas mais diversas técnicas de governo dos indivíduos. Esse discurso consiste em definições do modo como as relações sociais deveriam ser constituídas para o propósito cidadão, efetivando assim, uma determinada forma de regulação moral.*

---

<sup>6</sup> Os ditos especialistas são os orientadores, administradores, supervisores, psicólogos, psicopedagogos, enfim, toda uma gama de profissionais que interferem na escola, que tem a autorização para pesquisar e falar sobre sua especialidade e que, na maioria das vezes, têm um status mais elevado que o próprio professor.

Uberti ( ibidem ) também demonstra como os PCNs pretendem fazer a sujeição dos escolares a partir do assujeitamento aos outros pela regulação e dependência e a si mesmo pela constância à sua identidade de 'cidadão'. Portanto os PCNs tentam explicar e entender os sujeitos e suas subjetividades a partir da lógica das teorias psicológicas que tentam, a todo momento, estabelecer sistemas de verdades sobre as subjetividades destes mesmos sujeitos.

Que cidadão/sujeito é esse que nem mesmo é detentor de suas verdades; que precisa que lhe digam o que ele pensa e deve pensar; que tem suas ações controladas por um fim maior que é a cidadania e que tem suas dúvidas e dificuldades simplificadas em Temas Transversais?

Os PCNs com esse discurso acabam por escamotear toda uma rede de desvalorização do aluno enquanto sujeito e do professor enquanto educador 'livre' para ser criativo e auto-suficiente. Escondem a depredação do ensino público culpando os educadores e alunos pelo fracasso dessa mesma educação de que são excluídos de pensar as políticas educacionais, afinal estes, segundo o documento, têm 'co-responsabilidade' pela vida social. ( BRASIL. op cit. p .8)

Os alunos e professores são chamados a terem atitudes democráticas de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito ( BRASIL. op cit. p. 8 ), mas ao mesmo tempo estão em um locus totalmente contraditório: os formuladores das políticas educacionais não respeitam a democracia; frente a um ambiente de competitividade e injustiças,

aonde o que vale é o 'cada um por si', ambiente este, marcado pela não punição aos injustos e aonde o 'outro' é sempre desrespeitado a começar pela negação da participação dos principais envolvidos na educação nas próprias discussões sobre educação.

As regras dentro da escola são vistas, nos PCNs, como necessárias:

*"A colocação das regras de funcionamento e das normas de conduta, de forma clara e explícita, é necessária ao convívio social na escola. Por outro lado, o esclarecimento de sua função é essencial para que os alunos percebam o significado de segui-las e não as tomem como questão de mera obediência aos adultos. Entretanto, é preciso considerar que essa compreensão não acontece espontaneamente e que, portanto, deve ser objeto de ensino organizado e sistemático."  
( REIS. Op cit. 1998 )*

E se as regras são necessárias na escola quem deve ditá-las? Os próprios parâmetros que, apesar de não dizerem isso, definem várias regras para a convivência e a própria aula na escola.

Como lembra Reis: ( REIS. Op cit. 1998:6 )

*Embora a tônica dos discursos se remeta à uma dada qualidade de ensino, aparentemente voltada para o aluno real, os universalismos estão presentes naquilo que se espera do aluno ideal e, mais uma vez, os conteúdos se subordinam aos métodos, e estes, aos comportamentos desejados.*

Facilitações aos avaliadores dos SAEs? Ou, controle necessário e inexplícito do trabalho dos professores – executores, apenas, de propostas e

medidas consagradas pelos interesses dominantes que lhes servem de suporte?

Essas regras existem para que os professores aplicadores de propostas controlem seus alunos, para que estes se tornem alunos ideais (como se isso fosse possível), e, ao mesmo tempo, sejam controlados pelas próprias regras que lhe são impostas e pelas avaliações que são feitas sobre a escola.

Mas, afinal, como fica a Educação Sexual nesses Parâmetros?

Na verdade a Educação Sexual neste termo não existe, ela é chamada de Orientação Sexual como se esse termo fosse dar conta de todos os tabus e preconceitos que existem na escola e na sociedade sobre a sexualidade. Os PCNs nos fazem uma distinção do termo Educação para Orientação, e o termo Educação não seria adequado para tratar do sexual, como demonstra no parágrafo seguinte.

A Orientação Sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. Tal intervenção ocorre em âmbito coletivo, diferenciando-se de um trabalho individual, de cunho psicoterapêutico e enfocando as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica da sexualidade.

*Diferencia-se também da educação realizada pela família, pois possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade,*

sem a imposição de determinados valores sobre outros. (BRASIL, op cit. p.15)

X

Porque a Educação dada pelos pais pode ser chamada de Educação e não orientação?

Um professor não estaria apto a ensinar sobre sexualidade?

A explicação dos sexólogos para a utilização desses termos é de que seria mais adequado pela não sistematização e formalidade da questão sexual na escola, mas diante dessa explicação pergunto: Educação pode ser definida como algo apenas formal e sistemático ou se refere a aprendizagem em geral? Se fosse assim, de acordo com o que menciona Reis, o termo Educação Ambiental não teria que ser também Orientação Ambiental?

Segundo Reis, a utilização desse termo só teria sentido se o sexual fosse um desvio a ser 'colocado nos trilhos', algo a necessitar de orientação, pois o saber dominante precisa controlar os outros saberes e tornar somente o seu saber legítimo.

Os PCNs dizem que a 'orientação sexual' visa propiciar aos jovens a possibilidade do exercício de sua sexualidade de forma responsável e prazerosa e

que os alunos devem reconhecer Quais as manifestações de sexualidade passíveis de serem expressas na escola. Os PCNs demonstram então três eixos fundamentais para nortear a intervenção do professor: *Corpo Humano, Relações de Gênero e Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS*. (BRASIL. op cit. 15)

A abordagem do corpo como matriz da sexualidade tem como objetivo propiciar aos alunos conhecimento e respeito ao próprio corpo e noções sobre os cuidados que necessitam dos serviços de saúde. A discussão sobre gênero propicia o questionamento de papéis rigidamente estabelecidos a homens e mulheres na sociedade, a valorização de cada um e a flexibilização desses papéis. O trabalho de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS possibilita oferecer informações científicas e atualizadas sobre as formas de prevenção das doenças. Deve também combater a discriminação que atinge portadores do HIV e doentes de AIDS de forma a contribuir para a adoção de condutas preventivas por parte dos jovens.

A partir dessas citações pode-se concluir que os PCNs têm mesmo o objetivo de controlar e um dos objetos de seu controle, um dos mais importantes, é o corpo, assim como demonstra Foucault (FOUCAULT. op cit. 1987) que as técnicas essenciais disciplinares se generalizaram facilmente como se tendessem a cobrir o corpo social inteiro, técnicas estas, minuciosas que definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo para, assim, controlar a sociedade.

O corpo é controlado, esse controle é realizado nos PCNs com as DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis). O papel do professor, como é designado acima, é de interventor que deve mostrar o certo e o errado para que os alunos saibam o que é permitido de fazer na sociedade e o que é proibido, e não só dentro da escola como define os PCNs em um dos trechos acima citados. Onde está o professor que ensina?

A possibilidade do exercício de sua sexualidade de forma responsável e prazerosa da maneira explicitada nos PCNs é uma utopia, pois o aluno está, antes, submetido ao significado e expressão do que é responsabilidade, que lhe é negada pelo professor no momento em que o mesmo em sala de aula expõe a imaturidade do aluno. O prazer fica sempre ligado à responsabilidade, mas uma responsabilidade que o aluno não tem ao fazer algo que lhe é proibido: o sexo. Se ele não tem responsabilidade onde fica o prazer? Prazer este tão negado pela sociedade não só aos adolescentes, mas para todos.

A parte dos PCNs exclusivamente dedicada à Orientação Sexual começa justificando a introdução do tema nas escolas pelo grande número de adolescentes com gravidez indesejada e com AIDS e, também, pela reivindicação dos pais para que haja a mesma Orientação na escola, tendo em vista a dificuldade em se falar desse tema. Essa justificativa se torna necessária para controlar uma sociedade em que falar sobre Sexo é ao mesmo tempo 'tabu' e 'incitada' pela mídia e pelo governo para melhor dominar seus 'cidadãos'.

Observamos no texto dos PCNs a pregação da necessidade de se falar na escola sobre sexualidade, pois não é só a família a responsável por ela e porque esta mesma sexualidade invade a escola não sendo possível a escola deixar a sexualidade dos alunos do lado de fora. Nos PCNs é demonstrada a necessidade de não só falar do corpo biológico, mas *as dimensões culturais, afetivas e sociais contidas nesse mesmo corpo.* (BRASIL. *op cit.* 1997 b. p.5) Mas lembremos que seus eixos fundamentais são: Corpo Humano, Relações de Gênero e Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS. Aonde estão as dimensões culturais, afetivas e sociais dentro desses objetivos? O único item que parece abarcar mais as questões sociais, relações de gênero, dará conta dessas dimensões de que ele demonstra necessidade?

Analisando os PCNs percebemos que sua intenção não é a de educar para os aspectos culturais, afetivos e sociais da sexualidade do escolar, mas, como ele mesmo diz *o trabalho sistemático e sistematizado de Orientação Sexual dentro da escola articula-se, portanto, com a promoção da saúde das crianças e dos adolescentes, orientar para que eles tenham essa saúde definida como a falta de doenças e/ou gravidez, pois a 'saúde' mental não é valorizada.*



As dimensões culturais, afetivas e sociais, acabam por se transformar em 'balelas', apenas para recheiar um documento que quer controlar seus adolescentes e professores para que estes sigam as regras lhes ensinadas.

A sexualidade é exaltada como independente da potencialidade reprodutiva e relacionada à busca de prazer necessário ao ser humano, mas ao mesmo tempo não se vê nos PCNs uma demonstração da importância do prazer e sim das precauções com relação ao sexo. *A sexualidade é algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte (...) encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito,* (BRASIL, op cit, 1997ap.8) mas sendo algo inerente, histórico, cultural e científico, porque os valores exaltados são os físicos, as doenças e a reprodução?

Contradições estão presentes em toda parte: o uso do termo Orientação e a própria ação na escola se deveriam à informalidade e não-sistematização, mas na citação seguinte percebemos que constitui-se num processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação.

Lendo os PCNs mais atentamente, o que não faz parte do objetivo maior dessa pesquisa, encontraremos muitas mais contradições, o que demonstra que os PCNs, embora camuflam um discurso cheio de 'boas propostas', na verdade os PCNs e o tema Orientação Sexual:

*Se inscrevem no rol de medidas que consideramos paliativas e insignificantes, frente ao discurso de recuperação da qualidade do ensino para as massas de brasileiros excluídos, colocado pelos administradores da educação brasileira. Fica evidenciado a contradição quase irreconciliável entre os interesses dominantes e os interesses da grande massa de excluídos que continuam a não ver contemplados seus interesses dentre os conteúdos e premissas propostos, nem mesmo as condições para que possam vir a avaliar e reavaliar suas próprias condições de vida e trabalho, já que os pressupostos teórico-metodológicos colocados se inscrevem no interior de uma dada visão teórica psicologizante, onde os conflitos e contradições sequer existem. (...) Nestas medidas, uma vez mais, a omissão e a subtração em nome do progresso de uns poucos. Não ficam garantidos nem o reconhecimento da existência dos conflitos, nem o desocultamento ideológico, contido no conhecimento escolar, questão que passa pela desmistificação de saberes universais e generalizadores. (REIS. Op cit. 1998 p. 14) <sup>7</sup>*

Enfim, precisamos não de um documento que traga regras e normas que escondam as verdadeiras necessidades, mas de toda uma política de valorização da educação e do magistério em que os professores, assim, possam ser instrumentalizados teórica e metodologicamente para tratar de todos os temas com seus alunos e não de uma maneira rotineira, transmissiva. Mas de modo que impere o diálogo e o aprendizado para ambos os lados: professor e aluno.

---

## 7- CONCLUSÃO

A sexualidade não é apenas negada ou subtraída na nossa sociedade, como podem fazer crer os discursos dominantes, ela se constitui em uma técnica de controle e por isso é preciso que se fale para conhecê-la e nela exercer esse controle pelo seu encobrimento ou seu falso encobrimento.

Os professores, muitas vezes, designam o que acham que os alunos devem ou que não devem saber pela sua adequação ou não a eles. Essas designações representam novamente o controle da vontade de saber pelo professor e pela sociedade que indica o certo e o errado, o permitido e o proibido, o que deve ser escondido e o que deve ser aparente. Os alunos percebem esse controle e, assim, assimilam o que devem fazer e dizer na escola e o que é mais adequado para falar e fazer escondido da escola, da sociedade e da família.

O que os alunos realmente querem saber e fazer (suas curiosidades reais), na maioria das vezes, não se apresenta na escola, isso não significa que os alunos não queiram informações biológicas, mas que eles não querem só estas, que são dadas distanciadas do contexto de vida deles.

Trabalhando junto às crianças sem meias verdades e compartilhando experiências, estaremos formando seres mais completos. Em última instância essa

atitude possibilitará indivíduos maduros, mais responsáveis com seus corpos e suas vidas.

A orientação sexual, em primeiro lugar não é uma disciplina que deve ser ministrada de maneira convencional, em uma simples aula tradicional, ela deve ser encarada como um processo ativo e dinâmico, que deve estar presente na escola, em casa e em todos os meios sociais em que a criança vive e para crianças de todas as idades porque não existe a idade certa para se ensinar algo que será para o conhecimento futuro.

Cabe aos pais se posicionarem claramente sobre o que consideram importante para seus filhos e em parceria com escola desenvolver um trabalho de planejamento de ações coletivas.

Enfim, a orientação sexual na etapa da educação infantil, deve contribuir para que os alunos exerçam sua sexualidade com prazer e responsabilidade, pois este tema está ligado ao exercício de cidadania, já que pretende-se trabalhar o respeito por si e pelo outros, além de garantir os direitos básicos como saúde, informação e conhecimento.

## 8- REFERÊNCIAS:

- BIRMAN, J. Cartografias do feminismo. Erotismo, Desamparo e Feminilidade. São Paulo: ed. 34, 1999.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação Fundamental. Versão PCN's – 1º e 2º ciclos/ agosto de 1996 e Versão PCN's – 2º e 3º ciclos/ outubro de 1997.
- \_\_\_\_\_, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação Fundamental. Referencial curricular nacional para educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FAGURY, Tânia. Encurtando a adolescência – Orientação para pais e educadores. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- FOUCAULT, Michel. A História da Sexualidade I: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_, -Vigiar e Punir. 6ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- \_\_\_\_\_, História da Sexualidade I- a vontade de saber, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1990.

## 8- REFERÊNCIAS:

- BIRMAN, J. Cartografias do feminismo. Erotismo, Desamparo e Feminilidade. São Paulo: ed. 34, 1999.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação Fundamental. Versão PCN's – 1º e 2º ciclos/ agosto de 1996 e Versão PCN's – 2º e 3º ciclos/ outubro de 1997.
- \_\_\_\_\_, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação Fundamental. Referencial curricular nacional para educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FAGURY, Tânia. Encurtando a adolescência – Orientação para pais e educadores. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- FOUCAULT, Michel. A História da Sexualidade I: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_, -Vigiar e Punir. 6ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- \_\_\_\_\_, História da Sexualidade I- a vontade de saber. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1990.

- \_\_\_\_\_ . A mulher/Os rapazes: História da sexualidade (extraído da História da Sexualidade v. 3) Michel Foucault; tradução de Maria Theresa da C. Albuquerque – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
  
- \_\_\_\_\_ . Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.  
(Cap. XII e XIV).
  
- PAIVA, J.R. Educação Sexual. Rio de Janeiro, 1984.
  
- REIS, M.G.S. A sexualidade e os escolares da educação fundamental: entre a vontade de saber e o cuidado de si. ANPED 23ª reunião anual, 2000.
  
- RIBEIRO, M. (org.) Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas. Rio de Janeiro, Rosa dos Ventos, 1993.
  
- \_\_\_\_\_ . O Prazer e o Pensar. São Paulo, Editora Gente, 1998.
  
- SANTOS, J.V.T. Michel Foucault: um pensador das redes de poderes e das lutas sócias. Porto Alegre, 1996.
  
- \_\_\_\_\_ . Sexualidade infantil e perverso polimorfa. 2000. 78 f. Tese para o exame de qualificação com pré-requisito ao título de Doutor em Educação. 2000. Universidade Federal Fluminense – UFF – Rio de Janeiro.
  
- \_\_\_\_\_ . A (re) invenção da escola pública: Sexualidade e formação da jovem professora. Exame de qualificação com pré-requisito ao título de Doutor em Educação. 2001. 158 f.

- ZENTI, Luciana e GENTILE, Paola. A vida invade a escola. Revista Nova Escola. São Paulo, p.18-25, abril de 2001. Disponível em: <http://www.novaescola.com.br>
- NUNES. O estatuto epistemológico dos discursos contemporâneos sobre sexualidade: re-aproximações histórico-filosóficas necessárias e algumas considerações analíticas impertinentes. IN: Perspectiva: revista do Centro de Ciências da Educação. Ano 16, n. 30 (julho-dezembro de 1998). Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED, 1983.
- REIS. A sexualidade, o ensino de ciências e saúde nas escola pública pela busca do exercício da cidadania. Dissertação de mestrado, UFF, 1992
- REIS. (Re)Invenção da Escola Pública : A Sexualidade e a Formação Continuada dos Jovens Professores. Projeto de pesquisa apresentado à UNI-RIO, Mimeo, 1999. p. 8
- FREUD. apud REIS. Sexualidade nas Ciências Humanas tempos e lugares capítulo 1 da tese de doutoramento, mimeo, 2000.
- NUNES. O estatuto epistemológico dos discursos contemporâneos sobre sexualidade: reaproximações histórico-filosóficas necessárias e algumas considerações analíticas impertinentes. IN: Perspectiva: revista do Centro de Ciências da Educação. Ano 16, n. 30 (julho-dezembro de 1998). Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED, 1983.